

INFORME GEOGRÁFICO



Boletim Informativo do Curso de Geografia
UESC - Ilhéus - Bahia
Ano V- nº 11 - Abr/Mai 2006

Cinco anos do Boletim Informe Geográfico: Trajetórias

A criação de um boletim informativo para o curso de graduação em Geografia se constituiu em momentos de idealizações e muita perseverança. Em 2000, o Diretório Acadêmico de Geografia – CAGEO tinha a sua quarta diretoria e alguns alunos representavam a UESC no XVII Encontro Regional de Estudantes de Geografia do Nordeste – EREGENE, realizado em Salvador em novembro daquele ano.

Fruto de uma grande integração entre alunos de Geografia e professores que contribuíram com bons conselhos e grandes idéias, o projeto de criação deste boletim ganhava relevância em diálogos entre estudantes, sendo conduzido por uma equipe que se reunia com o objetivo de discutir o projeto. A idéia de criação deste veículo de comunicação foi expressa pelo então Diretor Financeiro do CAGEO, Reinaldo Martins Lemos, ainda em Salvador, durante o XVII EREGENE.

No dia 20 de novembro de 2000, a equipe que já trabalhava com a construção de uma edição-piloto contou com os incentivos da professora Maria Palma Andrade que coordenava o Colegiado de Geografia naquele ano, através da Comunicação Interna (CI) de no. 123, destinada ao CAGEO.

Munido com este documento, a primeira edição do BIG circulou em abril de 2001, sendo utilizada na apresentação do curso à turma que iniciou sua empreitada acadêmica naquela oportunidade, na qual já se encontrava empossada a V Direto-

ria do CAGEO cujo presidente era o diretor de redação e o vice-presidente o editor-chefe do BIG.

Contudo, em seu regulamento, os organizadores deste boletim o elaboraram sem vínculos administrativos com Entidades Acadêmicas e Colegiado de Curso. O BIG buscou colocar o Curso de Geografia da UESC no cenário nacional causando repercussão positiva que teve como frutos os textos produzidos por alunos e professores de Geografia de outras universidades do Brasil. A distribuição do BIG para outras universidades era feita por versão eletrônica disponibilizada via internet e por correspondência.

Em 15 de junho de 2001, o BIG foi reconhecido recebendo elogios da então Pró-reitora de graduação, Rosana Lopes, através da CI de no. 038, emitida pela PROGRAD aos organizadores deste boletim. No terceiro trimestre de 2001, na edição de no. 27, *O Espaço do Geógrafo* [órgão informativo da Associação dos Geógrafos Brasileiros-AGB/Seção Local Bauru (SP) publicou nota parabenizando os organizadores do BIG.

Desejando mais cinquenta, parabenizo nesses cinco anos a todos os alunos e profissionais que se empenharam na concretização e prosseguimento deste boletim, participando ativamente na sua organização e partilhando comigo o mesmo ideal: Reinaldo Lemos, Fábio

Santos Souza, Pedro Sérgio de Oliveira, Rodrigo Cerqueira da Silva, Antonio Fontes de Faria Filho, Aldmar Rezende Dante Machado, Deraldo José Bastos Neto, Melrisson Aranha Pinheiro, Patrick Thomaz, Evilania Bento, Isis Penna Lima, Telynisson Pereira.

Também participaram na publicação de idéias e textos: Jorge Augusto Bahia, Edir Marques F. Filho, Gizélia Bertoldo Maciel, José Raimundo Cruz, Luciano de Melo Ramos, Tereza G. Torezani, Evaldo N. Borges, Gleydson Silva de Araújo, Juliana Bernal, Fabiano dos Santos Nunes, Josimeire Leal, Maria Cristina Báfica Pontes, Paulo Aguiar, José Lacerda, Cláudio Pádua Hage, Jacquez Manz.

Os professores do Curso de Geografia (UESC) que escreveram textos e colaboraram durante toda a trajetória do BIG: Ednice de Oliveira Fontes, Agenor Gasparetto, M^{te} Helena Gramacho, Clarice Gonçalves Souza de Oliveira, Gilmar Trindade, Natanael Reis Bomfim, Maria Palma Andrade, Lurdes Bertol Rocha e Gideon Borges.

Será lançada nesta edição a coluna nomeada “Retrospectiva”, trazendo ao alcance de todos os seus leitores, conforme o momento, textos publicados em edições anteriores. Como nas primeiras edições, o BIG voltará a trazer o geo caça-palavras que, juntamente com a coluna geo-humor, garantirá entreteni-

mento e uma leitura agradável somando ao conteúdo que resultou o prestígio deste boletim.

Estudantes e profissionais de outras universidades também estiveram presentes nessa trajetória: AGB (Bauru-SP), Jailsa da Silva Medeiros (Geografia/UFRN), Jânio Roque B. Castre (Professor da UNEB), Josefa Elaine Matos (Química/UESC). Nesses cinco anos de existência, o BIG entrevistou Melhem Adas, um dos mais conceituados autores de livros didáticos do Brasil e Natanael Reis Bomfim, Doutor em Educação e professor da UESC.

Parabenizo e também agradeço a todos os funcionários da UESC que foram fundamentais para que o BIG chegasse aonde chegou; a gráfica da UESC: Nivaldo Lisboa Santos, Davi Lima Macedo, Cristovaldo Caetano da Silva, Luis Henrique Farias, e ainda Ubaldo Santos; a ASCOM: Edvaldo Oliveira, Josenildo Glória e Marcos Maurício, com seu importantíssimo e criativo trabalho na diagramação e design gráfico; toda a equipe da EDITUS pela revisão; Afonso Lopes Filho, José Carlos Silva, “Xanda” Teixeira, Ellen Márcia; a Maria Palma Andrade pelos incentivos; a Renée Albagli Nogueira, pela aprovação; ao Colegiado de Geografia; e, a atual Reitoria; que vêm sendo fundamentais no prosseguimento do BIG.

*Meus sinceros agradecimentos,
PARABÉNS !!*

*Saulo Rondinelli Xavier da Silva.
Membro-Fundador do BIG*

O dia do Geógrafo este ano não passou despercebido aqui na UESC, pois o Centro Acadêmico de Geografia mexeu seus pauzinhos e conseguiu desenvolver uma programação, já foi um começo, embora não tenha tido adesão da maioria e nosso dia começou com um excelente e abundante café da manhã no bosque, organizado pela turma dos calouros –2006.1., que por sinal foi muito bem preparado. Parabéns calouros!!!!

Em seguida, tivemos um momento no auditório Paulo Souto com as professoras Cristina Rangel (coordenadora do Colegiado de Geografia), Clarice Gonçalves e Paulo Meliane, que falaram sobre as perspectivas da Geografia e esclareceram muitas dúvidas dos estudantes, a discussão estendeu até as 12h e 30 minutos. Queremos registrar a presença no café da

ROTAÇÃO

manhã dos professores: Paulo Rodrigues, Ana Amélia, Raquel, Maria Eugênia, Alexandre Schiavetti, Adeum e Gil. Tivemos a presença também de estudantes de Geografia da faculdade FTC.

Mas, como nem tudo é perfeito a Assembléia do Centro Acadêmico e o lual que faziam parte da programação da noite não aconteceu por falta de coro de mais de 200 estudantes estavam presente apenas 13 estudantes. Desejamos que no próximo ano pensemos melhor o nosso dia.

Um agradecimento todo especial aos líderes de sala que participaram das reuniões de preparação, sem eles esse dia não seria possível: **Rosângela – 1º semestre, Liliane – 3º semestre, Éder – 5º Semestre e Daniela representante do CAGEO.**

Vejam as fotos:



III Acampamento Geográfico

O III Acampamento Geográfico que teve como objetivo recepção e integração entre calouros e veteranos esse ano teve um novo brilho com a adesão e integração dos professores do curso de Geografia.

O encontro aconteceu no Camping da STAC na rodovia Ilhéus/Oliveira nos dias 8 e 9 de abril, sendo mais um momento de organização dos estudantes de Geografia, estavam presente cinquenta estudantes, que num ambiente descontraído falaram de coisas sérias e profundas relacionadas a ciência geográfica. Na manhã de sábado estiveram presente os professores Ana Amélia Vanderlei e Paulo Rodrigues para debate-

rem sobre o currículo do curso de Geografia. Durante toda a tarde a professora Cristina Rangel esteve presente onde tivemos a oportunidade de saborear seu conhecimento informalmente, no final da tarde apareceram os professores Paulo Meliani e Gil e na manhã de domingo os professores Gilmar Trindade, Clarice Gonçalves, Helena Gramacho e Raquel Maria, o professor Natanael Reis não pode estar presente por motivos de saúde. Finalizamos o acampamento com uma saborosa feijoada onde estudantes, professores e familiares dos estudantes aproveitaram aquele dia de domingo para um “almoço geográfico”.

INFORME GEOGRÁFICO

Boletim Informativo do Curso de Geografia - UESC - Ilhéus - Bahia - Ano IV - Nº 8 - Maio/Junho 2005

Editora-Chefe: Evilania Bento da Cunha.
Editores assistentes: Isis Penna Lima, Telynisson Pereira
Colaboradores: Saulo Rondinelli
Fundador: Saulo Rondinelli
Design Gráfico: Marcos Mauricio (marcosmauricio@gmail.com)
Revisão: Profª Maria Luiza Nora de Andrade
Impressão: Gráfica da UESC

Os artigos/textos assinados são de inteira responsabilidade de seus autores não refletindo, necessariamente, a opinião do BIG
Assuntos referentes ao jornal: Matérias, informações, críticas, sugestões:

Evilania Bento da Cunha – evilaniageo@yahoo.com.br
Isis Penna – ispenna@uol.com.br
Telynisson – tecogeo@hotmail.com
Saulo Rondinelli – geoilheus@hotmail.com
Website: www.biggeo.vilabol.uol.com.br

Colegiado de Geografia – DCAA
Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC
Rodovia Ilhéus/ Itabuna, Km 16 cep: 45650-000
Ilhéus – Bahia – Brasil

ERRATA:

Pedimos desculpas aos colegas Cláudio Padua e Jacques Manz que não saíram seus nomes publicados no último número do BIG.

· *O texto da capa:*

A influência do neoliberalismo na Geografia tem como autor o estudante egresso em 2005, **Cláudio Pádua Hage.**

· *A coluna Geo-Poesia:*
Metáforas da indignação... Quem é ele? Tem como autor o estudante do V semestre do curso de Geografia da UESC, **Jacques Manz.**

III EBEGEO

O III EBEGEO, foi sediado pela UNEB IV de Jacobina, nos dias 21 a 23 de abril do corrente ano, e teve como tema: **Dinâmicas Territoriais no Processo de (Re)produção do Espaço Baiano.** A UESC esteve presente em mais este evento da Geografia baiana e será comentado por alguns estudantes dos 35 uesquianos que participaram.

“O III EBEGEO, enquanto localização foi ótimo, a cidade de Jacobina é linda. Gostei muito do Geo-filmes, dos Grupos de discussões e principalmente da aula de campo, embora ao meu ver tenha tido muitas falhas relacionadas à estrutura”.

“Participar do III EBEGEO, para mim foi especial, primeiro por ser a primeira vez que participo, segundo por ter participado de um evento de estudantes que estão comprometidos com a Geografia, enfim com o desenvolvimento dessa ciência nas Academias, e terceiro por uma maior integração entre meus colegas e as outras universidades.”

Rita de Cássia – V Semestre

“Foi fantástico, em especial o “rango” do meio-dia, aguardo o IV EBEGEO que será em Feira de Santana, na UEFS.”

“A programação foi muito boa as inovações do Geo-baba e geo-filmes atenderam seus objetivos, uma pena que os uesquianos trou-

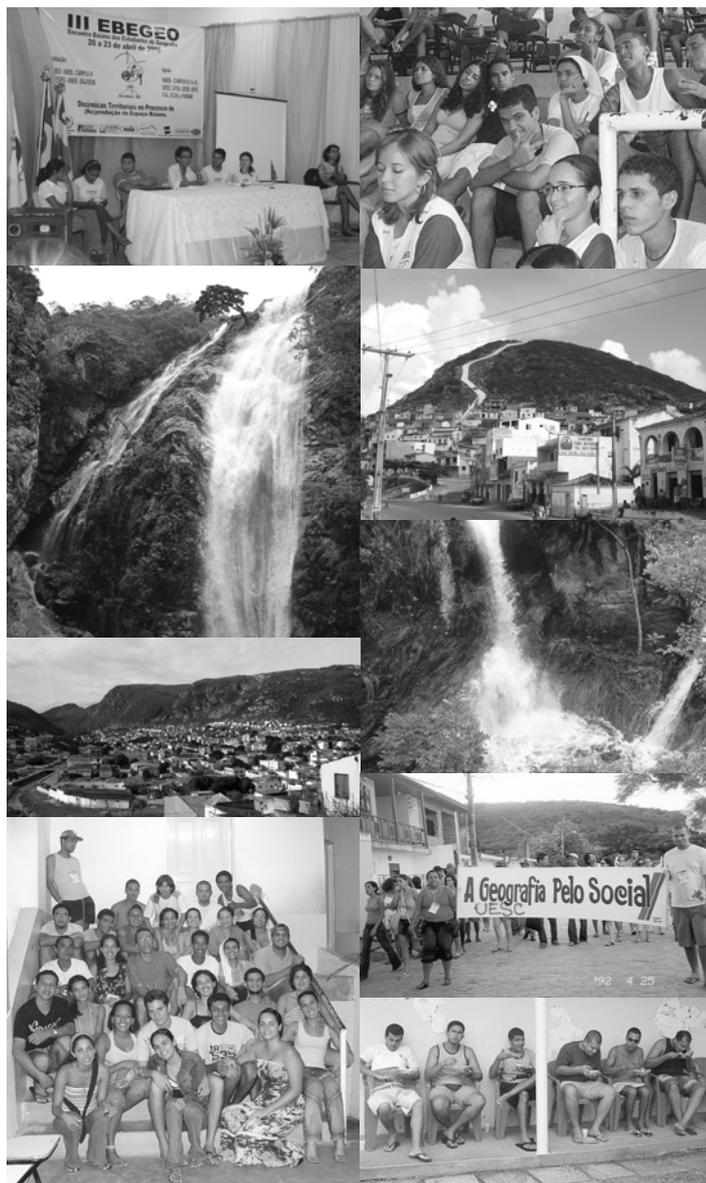
xeram o troféu de 2º lugar, mas no próximo seremos os primeiros, vamos treinar pessoal!”

“O Geo na Rua poderia ter sido melhor com uma adesão maior dos alunos e também se tivesse sido no horário da feira, pois acredito que esse é o sentido de se fazer ouvir por toda a sociedade local a cerca da real situação do nosso país.”

“As mesas redondas foram bem frequentadas, mas a mesa que falava do licenciados e bacharéis quem somos e para onde vamos foi bem debatida e faltou tempo, além dos expositores serem muito competentes essa questão mexe com nossa identidade de geógrafos.”

“A equipe organizadora do III EBEGEO, esta de parabéns pelo empenho, dedicação e presteza, desses, que se esforçam para ver o curso de Geografia crescendo, através de encontros que nos proporcionam um aumento de conhecimentos, como também de laser e integração, onde, naturalmente, ocorrem falhas na organização, algo totalmente compreensível, visto as inúmeras dificuldades para se organizar um evento desse porte, com um número restrito de colaboradores. Entretanto, esses fatos não tiram o brilho deste evento, que esta nascendo e que tem muito a crescer, só dependendo de nós, alunos da Geografia”.

Ailto (3º semestre)



Reflexões sobre a formação do profissional de Geografia na Atualidade

“A Geografia deve estabelecer os alicerces de um espaço verdadeiramente humano, de um espaço que possa ninar os homens para e por seu trabalho...; um espaço natureza social aberto à contemplação direta dos homens... um espaço instrumento de reprodução da vida...”

(Milton Santos)

O Geógrafo como profissional tem que dar conta de interpretar a realidade, analisando o espaço enquanto um resultado do trabalho do homem. A formação deve ocorrer contemplando duas perspectivas que são fundamentais para um profissional e que, como tal não se colocam hierarquicamente, nem como uma mais ou menos importante que a outra. A função técnica e a função social, são aspectos constitutivos da formação e se uma requer a fundamentação teórica e a prática no exercício das atividades, com o domínio das técnicas, (seja de pesquisa, do planejamento territorial ou da docência) a outra é a base da argumentação, traduzida na relação dialógica, que vai dar a sustentação ao encaminamento do trabalho. Logo, não há sentido em haver uma dicotomização entre o bacharel e o licenciado, os dois são um só e como tal, deve ser dada a mesma importância aos aspectos de formação, à estruturação do curso e aos conteúdos desenvolvidos.

Segundo MARQUES (1992) “não se pode pensar um educador que não seja competente no domínio técnico-científico de sua área de atuação docente, um professor que não entende do que ensina. E não se pode justificar a formação de um profissional de nível universitário que não saiba lidar com pessoas e grupos, que não consiga construir com os sujeitos interessados os conhecimentos e as capacidades que lhes concernem e a competem”.

Várias são, entretanto, as concepções da geografia, sendo que cada geógrafo advoga por aquele que lhe é mais condizente. Neste aspecto, o caráter mais social ou mais natural da geografia, ou mesmo sua unicidade, depende da própria opção de cada geógrafo.

Um problema secular da Geografia, digno de reflexão é a dualidade entre a Geografia Física e humana, estimulando o estudante, desde os bancos acadêmicos, a optar por uma ou outra especialidade, quando é da essência da Geografia, unificar e integrar o conhecimento da natureza e da sociedade. Esta separação do conhecimento científico tem levado ao excesso de especialização, o que leva a ignorar as relações existentes por exemplo entre o clima e o processo de ocupação e utilização dos solos ou a ação da morfologia, como se o homem não influenciasse e fosse influenciado pela ação dos agentes naturais. Por isso, reiteramos a necessidade de integração do estudo analítico do físico, do humano e econômico, para que o geógrafo possa ter uma visão de totalidade e não apenas visões parciais de uma realidade que ele necessita dominar, quando professor, ou transformar quando planejador.

Não creio que o sociologismo engajado, nem o ecologismo determinista tenham algo a nos oferecer. Se não tivermos, a capacidade de produzir ciência de qualidade, crítica, competente e necessária, afinada com os anseios democráticos e renovadores da sociedade, corremos o risco de ser absorvidos por outros ramos da ciência, banidos por incompetência e extintos por seleção natural.

O geógrafo deve utilizar o seu potencial teórico, o domínio das técnicas modernas e o seu comprometimento com os altos objetivos nacionais para dar uma contribuição positiva à solução dos problemas do país. Ciência é também política, e o cientista deve saber por que esta é utilizada, como é utilizada e em favor dos interesses de quem ela é utilizada.

Portanto o ideal é que o geógrafo e o professor de Geografia coexistam no mesmo profissional, de vez que é necessário que quem seja capaz de transmitir conhecimentos, seja também capaz de produzir.

Ednice de Oliveira Fontes.

Texto originalmente publicado na edição Ano 1, n.º 02 [capa] (junho/julho – 2001)

Panorama Organizacional do setor primário no Brasil, em princípios do século XXI

Antônio Delfim Neto, em seu artigo à revista Carta Capital de abril de 2006, intitulado “O grave problema agrícola”, faz uma pertinente comparação entre a crise do setor e a “supervalorização do câmbio que tornou o real a commodity preferida na seara da especulação”.

Em outras palavras, esta crise nada mais é do que uma consequência do que ele chama de “falta de correspondência entre o ativo e o passivo criados no setor no governo Collor e Plano Real”. Sob esta ótica o ativo seria o produtor que – sem os subsídios necessários – tende a, na teoria, poupar gastos e assim diminuir sua produtividade, e o passivo o estado que modela os mecanismos de negociação para o setor.

Ainda segundo Delfim o que acompanhamos na prática seria um paradoxo entre a crise que abate o setor nos últimos 20 anos e o crescimento da produtividade: “A safra 2005/2006, apesar das perdas produzidas pela estiagem (milho e soja, em Mato Grosso, Bahia e Minas Gerais), deverá ainda ser 10% maior que a anterior”.

Por outro lado devemos também considerar, quais as ideologias, interesses e políticas externas vêm influenciando este setor no âmbito organizacional, ou seja, quais as modificações ocorridas em fins do século XX que estão sendo refletidas no início deste que retratam seja a modernização da produção, a distribuição espacial desta pelo país – podendo assim atingir regiões antes inaptas a determinadas práticas -, ou ainda a política agrícola desenvolvida pelo governo Fernando Henrique Cardoso e a atual desenvolvida pelo governo Lula.

Nos últimos anos observamos as constantes batalhas internacionais do Brasil na OMC (Organização Mundial do Comércio) e “coincidentemente” estas se dão, em sua grande maioria, devido a descontentamentos sobre as medidas adotadas pelos demais países no setor primário, lembremos das pendências com os americanos e seus subsídios a todos os seus produtores (em especial aos de algodão, cultivo contemplado com subsídios e onde os norte-americanos sofreram uma derrota para o Brasil, na OMC em 2004).

Estas situações são reflexos da política neoliberal de diminuição das importações e crescimento das exportações, e um país com o peso da produção agroindustrial que tem o Brasil não pode se satisfazer com a simples exportação de commodities, não que os numerosos advindos desta sejam insignificantes, pelo contrário somos hoje os maiores produtores de grãos do planeta, entretanto o que não devemos é abdicar da competição pelo mercado exportador de produtos imbuídos de tecnologia.

Mesmo com números animadores como sucessivos recordes nas safras anuais, e consequentemente na balança comercial, encabeçados por este setor há quase meia década, o que se viu nesta porção de tempo foi uma cópia, por parte do Brasil, dos modelos adotados pelos países industrializados. É correto afirmar que a modernização do campo trouxe benefícios e malefícios à economia, aumentou a produtividade, reduziu o custo final do produto e diminuiu o tempo que se destinava a semeadura, colheita e destino do mesmo, por outro lado desempregou milhões de trabalhadores que se destinaram aos centros urbanos para assim se amontoarem junto a massa de miseráveis aí formada.

Podemos considerar que estes índices positivos na balança comercial não são ainda maiores devido à importação dos maquinários ou das partes que os compõem, estes justamente advindos dos países com os quais o Brasil trava constantes batalhas judiciais pela aceitação dos nossos produtos (no caso as commodities) no seu mercado, fato este que demonstra a fragilidade

Rafael Gama Moreira – 3º Semestre de Geografia, Noturno

da nossa política externa e dos nossos planos de desenvolvimento agrícola.

Enquanto os concorrentes diretos nesta disputa se protegem com políticas típicas do capitalismo financeiro como o protecionismo, que equivale ao aumento de tarifas sobre os produtos importados e que são também produzidos no país em questão, e as barreiras não tarifárias, que são as exigências de um determinado padrão de produção que atendam as regras de seu país ou quando os produtos forem fabricados segundo as regras de respeito ao meio ambiente, a política econômica brasileira se abstém em recorrer a OMC quando lesados os seus interesses e não se ocupa em desenvolver mecanismos próprios a fim de não mais sofrer déficits desta natureza.

Outro tópico de fundamental relevância envolve a redistribuição espacial da produção brasileira nos últimos dez anos, com o advento de técnicas de irrigação, e novas tecnologias de manejo, ambientes como o semi-árido nordestino, outrora inaptos a diversos cultivos considerados rústicos (no caso plantas que demandam menor quantidade de água), hoje podem exportar uvas e outras frutas cítricas que possuem mais de 50% de água na sua composição.

O avanço da área de cultivo de soja por sobre a Amazônia legal caracteriza outro ponto de expansão das barreiras agrícolas por sobre a área de mata, fato preocupante que exemplifica, de modo original, a ineficiência das políticas agro-ambientais desenvolvidas no país desde sempre.

Instala-se então o seguinte questionamento, até quando um país que pleiteia um assento definitivo no conselho de segurança da ONU (Organização das Nações Unidas), ao lado de países com rigorosa política fiscal, agrícola, cambial e de controle dos gastos públicos poderá conviver com a atual situação interna das bases organizacionais da Federação? Enquanto norte-americanos, franceses, canadenses, italianos entre outros subsidiaram com veemência seus produtores a fim de emparelhá-los aos competidores estrangeiros, o Brasil se nega a reforçar o projeto de reforma agrícola e redistribuir de maneira coerente as terras improdutivas espalhadas pelo seu território.

Segundo dados do Incra (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária), até 2002, cerca de 4,9 milhões de famílias esperavam por um pedaço de terra para produzir, ainda segundo o órgão a média anual de assentamentos dos dois mandatos do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso foi de 70 mil famílias por ano, enquanto a dos dois primeiros anos de mandato do governo Lula girou em torno de 26 mil por ano. Todavia o atual presidente justifica esses números afirmando que de nada vale distribuir terras desenfreadamente sem disponibilizar os recursos básicos para que as famílias possam produzir e viver no local, segundo o mesmo perde-se em quantidade na medida em que se eleva a qualidade da política de assentamentos.

Resta-nos então indagarmos, até quando quantidade e qualidade seguirão por caminhos distintos, no contexto da política agrícola brasileira? Faltam recursos para se assentar com qualidade a quantidade adequada de famílias por ano, a fim de que em um curto espaço de tempo todos aqueles que esperam pela terra possam dela usufruir? Podemos desconfiar desta última hipótese, pois somos o país com a maior carga tributária do planeta, e sem perspectivas de diminuirmos estes ou sermos ultrapassados, então outras questões se instalam nesta cadeia de indagações não satisfeitas, qual o destino dado a estes recursos? As evidências mostram que não são para o setor primário da economia.

A (RE)PRODUÇÃO DA FOME NO BRASIL E NO MUNDO¹

José Carlos Ribeiro FLORO²

No final do século XX, o mundo foi marcado pelo predomínio do meio técnico-científico-informacional, onde diversas camadas da sociedade e setores da economia sofreram vários impactos com o surgimento da robótica, da biotecnologia, da engenharia genética, da microeletrônica e a introdução de máquinas agrícolas no campo. Essas transformações acirraram o processo de desigualdade, criando bolsões de pobreza jamais vivenciadas pelo homem em toda a sua existência, principalmente nos países periféricos.

Essas mudanças sofreram influências dos aspectos políticos, sociais e econômicos em uma sociedade que tem como base o capitalismo. Daí surge as grandes carências materiais da população, perpetuando a pobreza e a miséria em grande abundância, tendo como principal reflexo a fome.

No entanto, apesar de mais visível na atualidade, o surto de fome esteve presente em diversos períodos da história da humanidade. Assim, na própria Roma, quando começou o processo de expansão império, a alimentação produzida acabou tornando insuficiente para atender as necessidades de toda a população, deixando muitos excluídos desse bem essencial, principalmente aqueles que pertenciam à classe dos plebeus.

Já durante a Revolução Comercial a fome começou a tomar conta das cidades, quando estas, passaram a ter mais impor-

tância na acumulação de pessoas e na reprodução do capital. Como exemplo claro dessa época temos o caso da “grande fome” que dizimou uma boa parte da população européia no final do século XIV. No entanto, foi durante a Revolução industrial na segunda metade do século XVIII que a fome se tornou mais visível, deixando assim, muitos indivíduos sem acesso à alimentação básica.

Vale salientar que o sistema imperialista adotado na Ásia e na África durante o século XIX foi o principal responsável pela formação de bolsões de pobreza nessas regiões do planeta e consequentemente pela proliferação da fome. Na África, continente muito rico em recursos naturais, encontra-se uma massa de pessoas que vivem em condições de penúria, sem acesso ao mínimo necessário para continuarem vivos. Assim, segundo dados da FAO/2000, a África Subsaariana possui um percentual superior a 35% de pessoas subnutridas, conseqüência direta da fome que tem assolado essa região. Na Ásia a situação é quase igual a do continente africano, pois a pesar da revolução agrícola ocorrida na China e do próprio desenvolvimento industrial ocorrido nos últimos decênios do século XX em alguns países como Taiwan, Coréia do Sul, Cingapura entre outros, a quantidade de pessoas mal alimentadas é alarmante.

No contexto de Brasil, país de econo-

mia emergente, a situação é praticamente a mesma desses continentes. Assim, a fome no Brasil está disseminada nas cinco regiões, ficando mais concentrada no Nordeste, onde a própria paisagem dessa região acaba denunciando o caráter de miserabilidade das pessoas que ali moram. Porém, a situação de fome também tem atingido às aglomerações urbanas da região Concentrada onde às áreas periféricas, as favelas e os cortiços acumulam pessoas de baixas condições de vida, sujeitas à fome.

Portanto, para resolver esse problema que tem assolado a humanidade é necessário que haja um empenho coletivo dos vários segmentos da sociedade a fim de desenvolverem políticas que visem atingir a sociedade como um todo, buscando reduzir as diferenças sociais promovendo o bem – estar de toda humanidade sem distinção de nacionalidade, de classe social, de cor ou de qualquer outra característica que as individualizem.

¹Parte do capítulo do trabalho de conclusão de curso (Licenciatura em Geografia) “Geografia da fome na cidade de São José da Vitória/BA”.

²Graduando em Geografia pela UESC, Ilhéus/BA (jribeirofloro@yahoo.com.br)

GEO CAÇA-PALAVRAS

o Canal natural, estreito, entre duas ilhas, ou entre uma ilha e o continente;

o Nebulosidade que se forma nas camadas inferiores da atmosfera, próximo ao solo, constituída de grande número de gotículas de água em suspensão no ar, do que resulta ficar muito reduzida a visibilidade;

o Nome da força que resulta da rotação da Terra. Ela deflete os ventos e as águas, à direita do hemisfério norte e à esquerda do hemisfério sul;

o Ponto da superfície terrestre localizado diretamente acima do foco de um terremoto;

o Ascenso e descenso regulares da superfície do oceano provocados pelas forças gravitacionais entre a Terra, a Lua e o Sol;

o Linhas que em um mapa, ligam os pontos onde são iguais as alturas de precipitação líquida recolhidas em um determinado intervalo de tempo. Seu traçado é semelhante ao das curvas de nível.

o Feições construtivas deposicionais, decorrentes do trabalho eólico, que ocorrem onde há grande suprimento de areia, transporte eólico efetivo e um ambiente de sedimentação;

o Instrumento utilizado para medir a pressão atmosférica;

o Processo de remoção dos produtos de intemperismo pela água, o vento e as geleiras, que posteriormente os transportam;

o Condensação de vapor de água atmosférico sobre uma superfície sólida; umidade da atmosfera, que se condensa (principalmente durante a noite) e se deposita, em forma de gotículas, sobre qualquer superfície fria.

Respostas do Geo Caça-Palavras anterior (ano I; n.º 05): Manguezal; Estuário; Falésia; Tómbulo; Latitude.

L	J	T	C	U	T	E	S	A	T	E	I	O	S	I
V	B	W	M	O	L	O	R	T	E	M	Ô	R	A	B
T	H	Q	K	N	R	F	R	V	X	Q	J	W	R	U
S	T	D	X	B	X	I	R	F	S	I	I	D	T	I
O	Y	S	E	L	K	Q	Ó	Y	K	K	X	T	E	G
C	H	K	B	N	J	B	X	L	V	H	N	X	S	A
S	Y	P	G	U	H	W	Q	K	I	H	V	I	J	R
A	M	A	R	É	S	M	K	X	E	S	O	P	E	A
N	Q	V	F	Q	E	X	Y	N	K	X	Q	J	E	P
U	J	H	O	R	T	N	E	C	I	P	E	A	J	É
D	D	C	J	P	J	K	U	S	G	B	O	G	P	S
L	X	S	G	E	S	A	Y	O	Ã	S	O	R	E	B
B	I	N	M	D	N	E	V	O	E	I	R	O	P	J
U	O	H	L	A	V	R	O	H	A	S	U	W	P	S
V	W	L	P	Q	X	B	E	C	G	M	M	E	N	E



VOCAÇÃO

Na infância de muitos gibis, filmes e leituras, Europa, cavalos, espadas e império de Xerxes, Fizeram-me sonhar em busca de aventuras, Com vikings, romanos, Sansão, Maciste e Hércules.

Com exploradores e naturalistas eu ia Da África de Tarzan à Ásia de Marco Pólo, Enquanto procurava entender a Guerra Fria, Com os espíões: Flint, Bond e Napoleon Solo.

Dominavam-me a fantasia e a imaginação, Até a época do golpe de Estado. Ganhei consciência política, na falsa “revolução”, Mas não escapei de ser tecnicado!

Agora, após décadas de vida, compreendi Que o que eu buscava, seria Aquilo que, sempre, estive de mim perto E que contempla o estudo do Universo, dia-a-dia: Nada mais, nada menos, vem a ser O estudo da Geografia.